

OTES – Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário

Inquérito “Estudantes à Entrada do Secundário” em 2013/2014

Sumário executivo

Metodologia

- No âmbito do projeto de acompanhamento dos percursos escolares dos estudantes no ensino secundário, iniciado em 2006, foi aplicada, entre março e junho de 2014, a terceira edição do inquérito “estudantes à entrada do secundário” referente ao ano letivo de 2013/14.
- Foram convidadas a participar todas as escolas públicas e privadas de Portugal continental (806 no total), das quais responderam 699 escolas (86,7% do universo de escolas, sendo a taxa de participação de 85,0% entre as escolas públicas e de 89,5% entre as escolas privadas).
- O inquérito foi respondido por 60.448 alunos que se encontravam a frequentar o 10.º ano ou equivalente num universo de 91.960 alunos, ou seja, uma taxa de participação 65,7%. A edição anterior deste inquérito remonta ao ano letivo 2010/11 tendo-se aí registado uma taxa de participação de 65,6%.

Perfil dos alunos

- 51,8% dos alunos eram raparigas e 48,2% rapazes (face a 52,0% raparigas e 48,0% rapazes em 2010/11).
- 58,2% dos alunos tinham 15 anos, a idade normal para frequentar o 10º ano (face a 57,6% em 2010/11)..
- Entre os respondentes ao inquérito, a proporção de alunos nos cursos científico-humanísticos decresceu em 1,4 pontos percentuais (de 61,2% para 59,8%) e a de alunos nos cursos profissionalmente qualificantes cresceu 1,4 pontos percentuais (de 38,8% para 40,2%) face a 2010/11.
- Os cursos profissionais são a modalidade mais frequentada entre o ensino profissionalmente qualificante (38,4% face a 34,9% em 2010/11), seguindo-se os cursos tecnológicos (1,3% face a 3,2% em 2010/11) e os do ensino artístico especializado (0,5% face a 0,7% em 2010/11).
- As raparigas optaram mais pelos cursos científico-humanísticos (65,4% raparigas face a 53,9% de rapazes), e os rapazes revelaram maior interesse pelos cursos profissionais (44,4% rapazes face a 32,6% de raparigas)

- 78,2% dos alunos que optaram por um curso científico-humanístico estão na idade normal para a frequência deste nível de ensino (face a 76,8% em 2010/11), assim como os dos cursos tecnológicos com 72,2% (face a 51,1% em 2010/11) e os do ensino artístico especializado com 69,0% (face a 60,7% em 2010/11).
- 40,9% dos alunos que escolheram um curso profissional têm uma idade igual ou superior a 17 anos (face a 46,3% em 2010/11), revelando a existência de situações de reprovação e/ou interrupção dos estudos.

Condição socioeconómica familiar dos estudantes

- 35,8% das famílias dos alunos têm entre o 2.º e o 3.º ciclo do ensino básico, seguindo-se as famílias com o ensino superior (30,2%) e as com o ensino secundário (27,3%) . Apenas 6,7% das famílias apresentam um nível de escolaridade igual ou inferior ao 1.º ciclo do ensino básico.
- 57,5% das famílias têm habilitações escolares superiores às dos alunos.
- Comparando com 2010/11, existe uma tendência para o aumento das habilitações escolares nas famílias, tendo-se verificado um aumento de 6,5 pontos percentuais nas famílias com habilitações superiores ou iguais ao ensino secundário, e existindo também um decréscimo de 3 pontos percentuais nas famílias com o 1.º ciclo do ensino básico.
- Os núcleos familiares dos alunos do ensino artístico especializado (70,1% com ensino superior ou secundário) e dos cursos científico-humanísticos (66,4%) são as que apresentam um maior nível de escolaridade.
- 56,3% das famílias dos alunos dos cursos profissionais apresentam uma escolaridade igual ou inferior ao 3.º ciclo do ensino básico.
- A maioria dos alunos pertencem a um agregado familiar onde ambos os responsáveis exercem uma profissão (67,2%), seguindo-se as situações em que um trabalha e o outro está desempregado (11,9%) ou está inativo (11,8%).

Expetativas escolares à entrada do secundário

- 81,6% dos alunos dos cursos científico-humanísticos (face aos 83,6% em 2010/11), continuam a apresentar expetativas escolares elevadas de prosseguimento de estudos, pretendendo ir para o ensino superior.
- 40,3% dos alunos dos cursos profissionais (face a 33,0% em 2010/11) demonstraram um maior interesse em integrar o mercado de trabalho, refletindo um dos impactos expectáveis do alargamento da escolaridade obrigatória.
- Ainda assim, 32,4% dos alunos que escolheram frequentar um curso profissional (face a 40,1% em 2010/11), pretendem prosseguir estudos para o ensino superior.

Percurso profissional dos estudantes

- À entrada do secundário 3,1% dos alunos encontravam-se numa situação de trabalhador-estudante e 0,8% estavam à procura de emprego.
- Os motivos para os alunos começarem a trabalhar durante o percurso escolar foram: vontade de ter independência económica (37,9%), o surgir de oportunidades de trabalho (37,1%), vontade de aprender coisas que a escola não ensinava (24,6%) e a necessidade de ajudar economicamente a família (21,4%).
- Dos alunos que se encontravam a trabalhar, a maioria fazia-o a tempo parcial (32,9%) ou de forma ocasional (31,0%), assumindo o trabalho a tempo inteiro um valor muito residual (3,5%).

Desempenho escolar à saída do 3.º ciclo do ensino básico

- 54,2% dos alunos tiveram uma média final das classificações de nível 3 (de 0 a 5 valores) às disciplinas de língua portuguesa, língua estrangeira, matemática e físico-química e 34,9% de nível 4.
- 10,6% tiveram uma média considerada de excelência escolar (média global de 5 valores)
- 0,3% dos alunos apresentam uma média de classificações igual ou inferior a 2 valores.
- 4,2 pontos percentuais foi o que cresceu a média de classificações de valor igual ou superior a 4 entre 2007/08 e 2013/14.
- 59,4% dos alunos entraram no ensino secundário com todas as disciplinas do 9º concluídas e com classificações iguais ou superiores a 3 valores.
- 26,9% dos alunos transitaram para o ensino secundário com uma negativa no 9.º ano e, 0,9% dos alunos obtiveram três ou mais negativas.

Reprovações e interrupções no trajeto escolar

- 66,4% dos alunos, isto é cerca de dois terços, chegaram ao 10.º ano sem nenhuma reprovação, 20,3% dos alunos reprovaram uma vez, 10,3% duas vezes e 2,9% reprovaram 3 ou mais vezes.
- Os anos escolares em que houve maior número de reprovações foram os anos decisivos no percurso escolar dos alunos, isto é, anos de fim e de início de ciclos escolares: 9.º ano (28,7%), 10.º ano (24,3%) e o 7.º ano (21,0%).
- 1,9% dos inquiridos interrompeu os estudos durante o seu percurso escolar, sendo que 1,5% interromperam apenas uma vez os seus estudos.

- As reprovações no 9.º ano aumentaram 9 pontos percentuais entre 2010/11 e 2013/14, enquanto no 10.º ano diminuíram 3,3 pontos percentuais.
- A interrupção dos estudos decresceu 6,9 pontos percentuais, face aos valores de 2010/11, nos inquiridos que interrompem os estudos no 10.º ano e cresceram de 3,8 pontos percentuais no 11.º ano.

Desempenho escolar, escolhas escolares e origens sociais

- A maioria dos alunos que frequentaram cursos científico-humanísticos, cursos tecnológicos ou o ensino artístico especializado apresentavam uma média de classificações no 9º ano nos níveis 3 (42,3%, 49,1% e 54,4%) ou 4 (42,2%, 39,5% e 36,4%).
- 85,3% dos alunos dos cursos científico-humanísticos não apresentaram reprovações ao longo do percurso escolar.
- 34,0% dos alunos dos cursos profissionais tiveram uma reprovação e 23,2% duas reprovações.
- As raparigas apresentaram um desempenho escolar melhor com obtenção de mais classificações de nível 4 e 5 que os rapazes (47,0% face a 44,0%) e tendem a ter um maior aproveitamento escolar sem reprovações (70,6% face a 61,9%).
- O padrão da não retenção consoante a habilitação escolar máxima do agregado familiar é análogo ao verificado em 2010/11: 45,7% dos alunos oriundos de famílias cuja habilitação não excede o 1.º ciclo do ensino básico, nunca reprovaram, passando esta percentagem a 58,9%, 71,6% e 75,4%, respetivamente, entre os alunos oriundos de famílias com o 3.º ciclo do ensino básico, com o ensino secundário e com o ensino superior.

Estudantes à entrada do Secundário em 2012/2013

Susana Fernandes, Joana Duarte e Luísa Canto e Castro

O inquérito aos “Estudantes à Entrada do Secundário 2013/14” contou com a participação de 60.448 alunos a frequentar o 10.º ano ou equivalente, e foi aplicado nas escolas públicas e privadas de Portugal continental.

O Ensino Secundário configura-se como um ciclo de estudos que, a par do prosseguimento de estudos, tem como função preparar os alunos para a inserção socioprofissional, assumindo-se igualmente como um ciclo terminal com formações diversificadas.

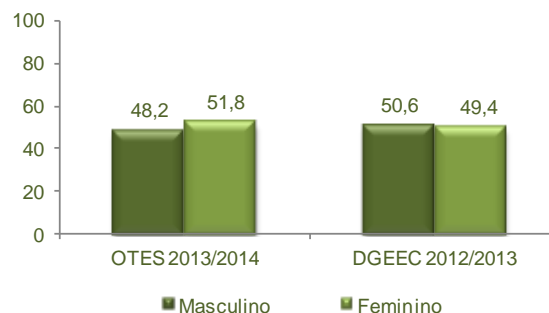
Este artigo tem como objectivo apresentar os principais resultados do perfil dos alunos à entrada do secundário e o seu desempenho escolar à saída do 3.º ciclo do ensino básico, obtidos através da resposta ao questionário.

Perfil dos alunos

Uma distribuição dos alunos por sexo e idade revela que 51,8% são raparigas e 58,2% têm idade igual a 15 anos, estando na idade normal para frequentar o 10.º ano ou equivalente (Figura 1 e 2). Esta análise permite verificar que 41,2% dos alunos encontram-se com atraso de pelo menos um ano no seu percurso escolar e 0,7% estão adiantados. Apesar de existir um ano de diferença, quando comparamos os dados deste inquérito com os das Estatísticas da Educação 2012/13, verificamos que no inquérito responderam mais raparigas, isto

apesar de existirem mais rapazes efetivamente inscritos segundo as Estatísticas da Educação (48,2% face a 50,6%) (Figura 1).

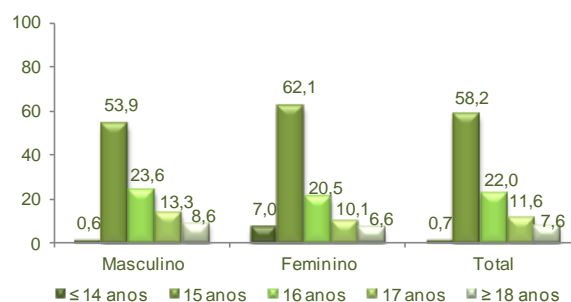
Figura 1 - Estudantes a iniciar o secundário por sexo (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014; DGEEC/MEC, Estatísticas da Educação 2012/13.

O investimento no percurso escolar é maior no caso das raparigas observando-se que 62,1% encontram-se na idade normal para a frequência do 10.º ano, existindo um decréscimo de 8,2% no caso dos rapazes (Figura 2).

Figura 2 – Estudantes por idade e sexo (%)

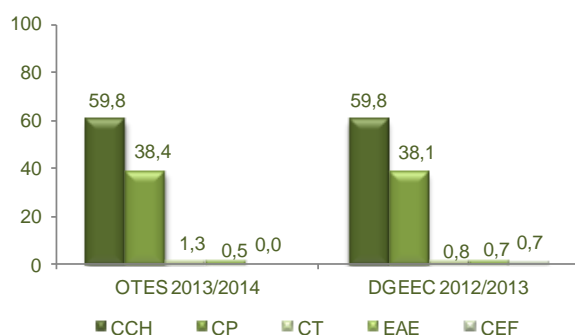


Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

À entrada do secundário é realizada a escolha da modalidade de ensino, escolha essa que pode ser complexa e que irá influenciar as expectativas escolares e profissionais dos alunos. A maioria dos alunos escolheu frequentar um curso científico-humanístico (59,8%), verificando-se que os restantes 40,2% encontram-se inscritos em cursos profissionalmente qualificantes (Figura 3).

Os cursos profissionais são a modalidade mais frequentada do ensino profissionalmente qualificante (38,4%), seguindo-se os cursos tecnológicos (1,3%) e o ensino artístico especializado (0,5%). Tendo em consideração que atualmente os cursos de educação e formação são residuais, este inquérito não conseguiu incluir nenhum aluno desta modalidade de ensino.

Figura 3 – Modalidade de ensino e formação frequentada (%)



Nota:

(1) CCH – Cursos científico humanísticos; CP – Cursos profissionais; CT – Cursos Tecnológicos; EAE – Ensino artístico especializado; CEF – Cursos de educação e formação.

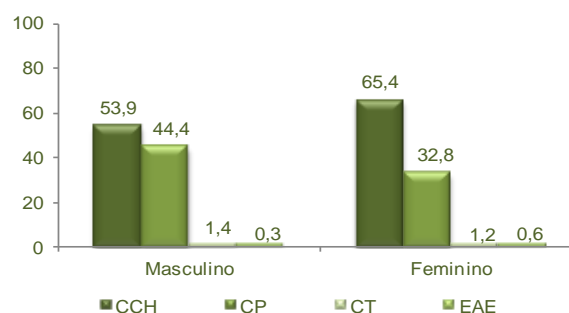
Fonte: DGGE/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014; DGEEC/MEC, Estatísticas da Educação 2012/13.

A comparação entre os dados deste inquérito à entrada e as estatísticas da educação 2011/12, e apesar do ano de diferença relativamente aos dois momentos de inquirição, permite verificar uma grande semelhança na distribuição dos alunos por modalidade de ensino, assegurando a representatividade da amostra dos alunos que responderam ao questionário. Face às semelhanças existentes na amostra, é possível inferir para a totalidade da população muitos dos resultados apresentados ao longo deste destaque.

Quando se compara as escolhas da modalidade por sexo, verifica-se que as raparigas optam mais pelos cursos científico-

humanísticos (65,4% face a 53,9%), enquanto os rapazes revelam maior interesse pelos cursos profissionais (44,4% face a 32,8%).

Figura 4 – Modalidade frequentada por sexo (%)



Fonte: DGGE/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

As diferenças também são assinaláveis quando se realiza uma abordagem por idade, constatando-se que 78,2% dos alunos que optam por um curso científico-humanístico se inserem na idade normal de entrada no ensino secundário (15 anos), assim como os dos cursos tecnológicos com 72,2% e os do ensino artístico especializado com 69,0% (Quadro 1).

Quadro 1 – Modalidade frequentada por idade (%)

IDADE	CCH	CT	EAE	CP
≤ 14 anos	0,9	1,2	1,5	0,2
15 anos	78,2	72,2	69,0	26,6
16 anos	15,5	18,1	17,1	32,3
17 anos	3,7	4,8	6,2	24,2
≥ 18 anos	1,7	3,7	6,2	16,7
TOTAL	100	100	100	100

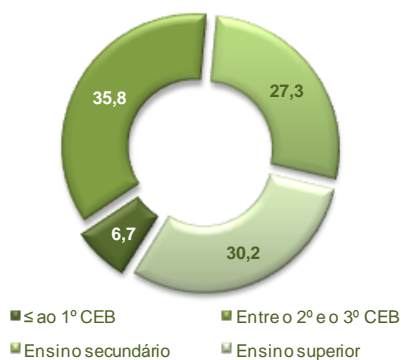
Fonte: DGGE/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

A exceção coloca-se para os alunos que escolheram um curso profissional, onde a dispersão etária é maior. Mais de um terço detêm uma idade maior ou superior a 17 anos (40,9%), revelando que existiram situações de reprovação e/ou interrupção dos estudos até ao momento da inquirição.

Condição socioeconómica familiar dos estudantes

As opções escolares dos alunos, o seu desempenho escolar e as expectativas profissionais durante o ensino secundário tendem a estar relacionadas com as condições socioeconómicas das suas famílias. Uma análise do nível de escolaridade permite constatar que 35,8% das famílias dos alunos tem o 2.º e o 3.º ciclo do ensino básico (2.º CEB e 3.º CEB), seguindo-se as famílias com o ensino superior (30,2%) e com o ensino secundário (27,3%) (Figura 5). Verificamos também que 57,5% das famílias detêm habilitações escolares superiores às dos alunos. Apenas 6,7% das famílias apresentam um nível de escolaridade igual ou inferior ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Figura 5 - Nível de escolaridade dominante na família (%)



Fonte: DGGEC/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

Comparando estes dados com o último questionário aos estudantes à entrada do secundário em 2010/11 verificam-se diferenças assinaláveis. As famílias com habilitações escolares superiores ou iguais ao ensino secundário aumentaram 6,6%, existindo consequentemente um decréscimo

de 3,0% nas famílias com o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Uma análise por modalidade de ensino demonstra que os núcleos familiares dos alunos do ensino artístico especializado (70,1% com ensino superior ou secundário) e dos cursos científico-humanísticos (66,4%) são as que apresentam um nível de escolaridade mais elevado (Quadro 2).

Quadro 2 - Nível de escolaridade dominante na família por modalidade frequentada (%)

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	CCH	CP	CT	EAE
≤ ao 1º CEB	4,1	10,8	6,0	4,7
Entre o 2º e o 3º CEB	29,6	45,5	34,8	25,1
Ensino secundário	30,4	22,6	29,9	27,6
Ensino superior	36,0	21,1	29,3	42,5
TOTAL	100	100	100	100

Fonte: DGGEC/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

Inversamente, 56,3% das famílias dos alunos que frequentam um curso profissional apresentam uma escolaridade igual ou inferior ao 3.º Ciclo do Ensino Básico.

De seguida analisamos a condição perante o trabalho e a profissão dominante na família com o objetivo de caracterizar o contexto socioeconómico em que os alunos se encontram inseridos. Maioritariamente os alunos pertencem a um agregado familiar onde ambos os responsáveis exercem uma profissão (67,2%), seguindo-se as situações em que um trabalha e o outro está desempregado (11,9%) ou está inativo (11,8%) (Quadro 3).

Quadro 3 - Condições perante o trabalho na família (%)

CONDIÇÕES PERANTE O TRABALHO	%
Ambos os responsáveis exercem profissão	67,2
Um responsável trabalha e o outro está desempregado	11,9
Um responsável trabalha e o outro é inativo	11,8
Ambos os responsáveis estão desempregados	4,4
Ambos os responsáveis estão inativos	3,0
Um responsável está desempregado e o outro é inativo	1,6
TOTAL	100

Fonte: DGGEC/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

A profissão dominante exercida pelo núcleo familiar de origem dos alunos insere-se no grande grupo profissional: “trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices” (22,8%), “especialistas das atividades intelectuais e científicas” (17,7%) e “trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (16,4%) (Quadro 4).

Comparando os dados deste inquérito com as Estatísticas do Emprego (INE) observam-se diferenças em alguns grupos, com especial incidência na categoria dos “representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos” (12,1% face a 7,4%), “agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta” (2,6% face a 8,7%) e “trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices” (22,8% face a 12,1%).

As principais diferenças surgem ao nível das profissões inseridas na categoria dos “representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos” que incluem as profissões mais prestigiadas socialmente e na categoria dos “trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices” que englobam profissões com menos prestígio social.

Quadro 4 – Grande grupo de profissões (%)

GRANDE GRUPOS DE PROFISSÕES	OTES 2013/2014	Estatísticas do Emprego 2014
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos	12,1	7,4
Especialistas das Atividades Intelectuais e Científicas	17,7	16,7
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	9,1	10,4
Pessoal Administrativo	7,9	8,0
Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	16,4	16,7
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	2,6	8,7
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	22,8	12,1
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	4,0	8,9
Trabalhadores não Qualificados	7,5	11,1
TOTAL	100	100

Fonte: DGGE/MEC, OTEs: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014 e INE: Estatísticas do emprego: 2.º trimestre 2014

A dispersão das profissões por modalidade de ensino revela diferenças assinaláveis. Os alunos do ensino artístico especializado, dos cursos tecnológicos e dos cursos científico-humanísticos pertencem a familiares cujas profissões se inserem no grupo dos “representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos” (19,2%, 16,1% e 14,7%) e “especialistas das atividades intelectuais e científicas” (24,1%, 16,1% e 23,0%) (Quadro 5).

Numa situação inversa encontram-se os alunos dos cursos profissionais cujos núcleos familiares desenvolvem profissões inseridas no grupo dos “trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices” (31,0%), “trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (19,6%) e “trabalhadores não qualificados” (11,3%).

Quadro 5 – Modalidade frequentada por grande grupo de profissões (%)

GRANDE GRUPOS DE PROFISSÕES	CCH	CP	CT	EAE
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos	14,7	7,5	16,1	19,2
Especialistas das Atividades Intelectuais e Científicas	23,0	8,2	16,1	24,1
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	10,7	6,3	8,3	8,0
Pessoal Administrativo	8,4	6,8	10,5	12,9
Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	14,5	19,6	19,3	13,8
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	1,9	3,9	0,3	0,0
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	18,2	31,0	19,3	9,8
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	3,2	5,4	4,4	4,0
Trabalhadores não Qualificados	5,4	11,3	5,7	8,0
TOTAL	100	100	100	100

Fonte: DGGE/MEC, OTEs: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014 e INE: Estatísticas do emprego: 2.º trimestre 2014

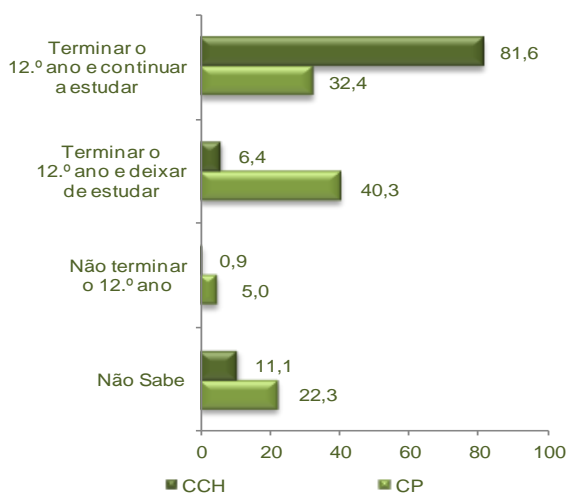
Expetativas escolares à entrada do secundário

A escolha do curso da modalidade de ensino e do curso à entrada do secundário tem

subjacente um trajeto escolar definido pelo aluno, segundo as suas expectativas para o pós-secundário.

As expectativas escolares dos alunos dos cursos científico-humanísticos são bastante mais elevadas comparativamente com os dos cursos profissionais: 81,6% dos alunos que escolheram frequentar um curso científico-humanístico têm como expectativa ingressar no ensino superior, existindo apenas 6,4% que consideram deixar de estudar após concluírem o ensino secundário (Figura 19). Para os alunos que escolheram frequentar um curso profissional as expectativas são mais baixas, constatando-se que apenas 32,4% pretende prosseguir estudos para o ensino superior, enquanto 40,3% considera concluir o ensino secundário e deixar de estudar.

Figura 19 – Expectativas de percurso escolar (%)



Fonte: DGGE/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

Estes dados acabam por estar de acordo com os objetivos de cada uma das modalidades de ensino, na medida em que os cursos científico-humanísticos destinam-se ao prosseguimento de estudos e os cursos

profissionais estão mais orientados para a integração imediata no mercado de trabalho.

Comparando os dados atuais com os obtidos no questionário em 2010/11, observa-se que os alunos dos cursos científico-humanísticos continuam a apresentar expectativas escolares de prosseguimento de estudos bastante elevadas ao pretenderem ir para o ensino superior (81,6% em 2013/14 e 83,6% em 2010/11).

No caso dos alunos que frequentam os cursos profissionais, existem diferenças quando se comparam com os dados recolhidos em 2010/11, constatando-se uma inversão nas expectativas dos alunos, na medida em que estes demonstram um maior interesse em integrar o mercado de trabalho (40,3% face a 33,0%). Em 2010/11, 40,1% dos alunos dos cursos profissionais afirmaram querer prosseguir os estudos após o secundário, enquanto em 2013/14 eram 32,4%.

Para os alunos que consideram prosseguir estudos no pós-secundário foram questionados sobre a formação que pretendiam frequentar no pós-secundário. Os alunos dos cursos científico-humanísticos (75,6%), assim como os dos cursos profissionais (63,7%) têm como principal expectativa a frequência de um curso superior universitário ou politécnico (Quadro 10).

Quadro 10 – Formação esperada no pós-secundário (%)

FORMAÇÃO ESPERADA NO PÓS-SECUNDÁRIO	CCH (%)	CP (%)
Universidade	72,2	56,1
Politécnico	3,4	7,6
CET	3,0	6,8
CEF - Tipo 7	0,9	2,3
Não sabe	16,9	20,0
Outros	3,6	7,2
TOTAL	100	100

Fonte: DGGE/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

Importa realçar que os alunos dos cursos profissionais são os que estão mais indecisos quanto à formação no pós-secundário (20,0% face a 16,9%), sendo também os que mais optam por CET (6,8% face a 3,0%) e por CEF – tipo 7 (2,3% face a 0,9%).

Percurso profissional dos estudantes

Analisando-se o percurso profissional dos alunos à entrada do secundário, verifica-se que 3,1% se encontram numa situação de trabalhador-estudante e 0,8% estão à procura de emprego (Figura 6).

Figura 6 - Atividade realizada à data de inquirição (%)



Fonte: DGGECC/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

Os motivos que levaram os alunos a começarem a trabalhar durante o percurso escolar relacionam-se com a vontade de ter independência económica (37,9%), o surgimento de oportunidades de trabalho (37,1%), vontade de aprender coisas que a escola não ensina (24,6%) e a necessidade de ajudar economicamente a família (21,4%) (Quadro 6).

Quadro 6 - Razões para ter uma atividade profissional (%)

RAZÕES PARA TER UMA ATIVIDADE PROFISSIONAL	%
Apesar de não ter dificuldades económicas queria ter o seu próprio dinheiro	37,9
Surgiu uma oportunidade e decidiu aproveitar	37,1
A trabalhar aprende-se coisas importantes que a escola não ensina	24,6
A família tinha dificuldades económicas e era preciso obter mais dinheiro	21,4
Para ajudar no negócio familiar	19,9
Apesar da família não ter dificuldades económicas acharam melhor que começasse a trabalhar	8,3
Tem amigos que também estão a trabalhar	2,8
Outra razão	13,9

Notas:

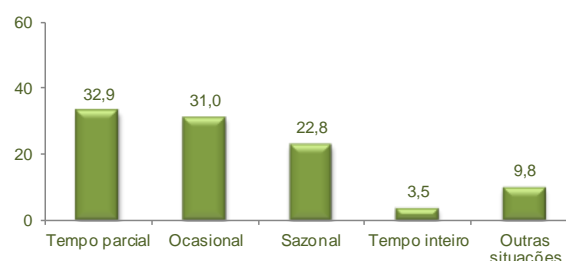
(1) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla.

(2) N = 2329

Fonte: DGGECC/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

Simultaneamente, os alunos que se encontravam a trabalhar ou em situação de desemprego (3,9%) foram questionados sobre o seu regime de trabalho, atual ou anterior. A maioria dos alunos encontrava-se a trabalhar a tempo parcial (32,9%) ou de forma ocasional (31,0%) (Figura 7).

Figura 7 - Regime laboral dos estudantes com atividade profissional (%)



Nota:

(1) N = 2331

Fonte: DGGECC/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

O trabalho a tempo inteiro assume aqui um valor muito residual (3,5%), o que não é de estranhar tendo em consideração a idade dos alunos, bem como o ciclo de estudos que estão a frequentar.

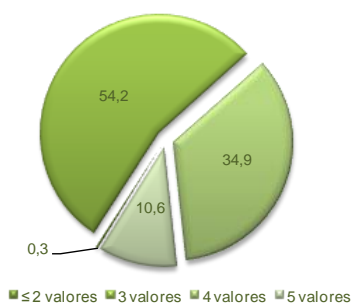
Desempenho escolar à saída do 3.º ciclo do ensino básico

A entrada no ensino secundário e a escolha da modalidade e/ou curso a seguir têm como pressuposto a conclusão do 3.º ciclo do ensino básico. Neste sentido, procurou-se analisar o desempenho escolar dos alunos através do nível de rendimento escolar e da duração do seu trajeto escolar. Após esta análise pretendeu-se compreender de que modo o contexto escolar e as características socioeconómicas dos núcleos familiares dos alunos influenciam o seu desempenho escolar.

Rendimento escolar

A média final das classificações (de 0 a 5 valores) às disciplinas de língua portuguesa, língua estrangeira, matemática e físico-química é maioritariamente de nível 3 (54,2%) ou nível 4 (34,9%) (Figura 8). Com uma média considerada de excelência escolar encontram-se 10,6% dos alunos que obtiveram uma média global de 5 valores. Verifica-se ainda que apenas 0,3% dos alunos apresentam uma média de classificações menor ou inferior a 2 valores.

Figura 8 - Média global das classificações no 9.º ano (%)

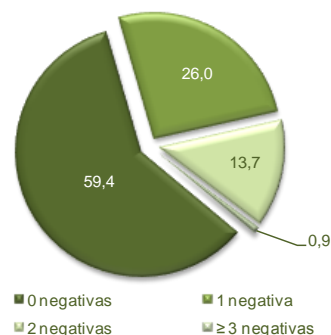


Fonte: DGGE/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

Comparando estes dados com o questionário estudantes à entrada do secundário 2007/08 verifica-se que houve uma melhoria de 4,2% na média de classificações de valor igual ou superior a 4.

A análise do número de negativas demonstrou que a maioria dos alunos entrou no ensino secundário com todas as disciplinas concluídas obtendo em todas elas classificações iguais ou superiores a 3 valores (59,4%) (Figura 9). Cerca de um quarto dos alunos transitou para o ensino secundário com negativa a uma disciplina do 9.º ano e, com um valor muito residual, encontram-se os alunos que obtiveram três ou mais negativas (0,9%).

Figura 9 - Número de negativas no 9.º ano (%)



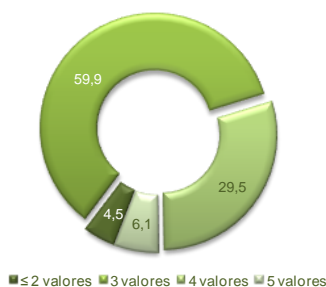
Fonte: DGGE/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

Comparando estes dados com os obtidos em 2010/11 observa-se que existiu um aumento de 3,9% no número de negativas, com especial incidência nos alunos que tiveram duas negativas (13,7% face a 11,3%).

De seguida pretendemos analisar de forma mais detalhada o rendimento escolar dos alunos às disciplinas de português, língua estrangeira, matemática e físico-química, sendo estas transversais às diferentes modalidades de ensino.

Na disciplina de português, 59,9% dos alunos obteve 3 valores, seguindo-se 29,5% que obtiveram 4 valores (Figura 10). As classificações que se encontram nos extremos são as que apresentam valores mais residuais, onde 4,5% dos alunos obtiveram uma classificação igual ou inferior a 2 valores e 6,1% com classificação de 5 valores.

Figura 10 – Classificação final no 9.º ano à disciplina de português (%)

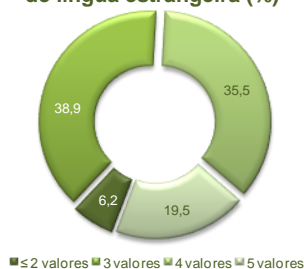


Fonte: DGGE/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

Quanto à disciplina de língua estrangeira, os alunos apresentam melhores resultados escolares comparativamente com a disciplina de português, constatando-se que 11,8% dos alunos obtiverem 5 valores e 35,5% 4 valores (Figura 11). Os alunos com excelência escolar (classificações de 5 valores) são, nesta disciplina cerca do triplo dos alunos em relação à disciplina de português.

Verifica-se também que existem mais alunos a língua estrangeira com uma classificação inferior ou igual a 2 valores (6,2%).

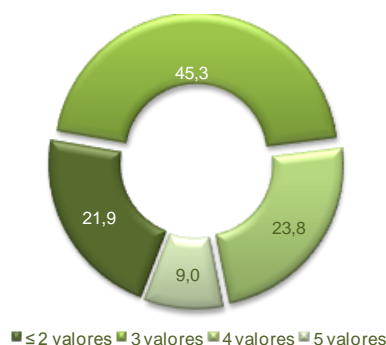
Figura 11 - Classificação final no 9.º ano à disciplina de língua estrangeira (%)



Fonte: DGGE/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

Comparando com os dados de 2010/11, os alunos conseguiram obter melhores classificações à disciplina de língua estrangeira, tendo aumentado 3,3% nas classificações iguais ou superiores a 4 valores. A análise das classificações na disciplina de matemática revela grandes diferenças face às anteriores. Apesar da maioria dos alunos também apresentar classificações de 3 valores (45,3%), existe uma redução expressiva nas notas de excelência escolar, ou seja, nas classificações de nível 4 (23,8%) e de nível 5 (9,0%) (Figura 13).

Figura 13 - Classificação final no 9.º ano à disciplina de matemática (%)



Fonte: DGGE/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

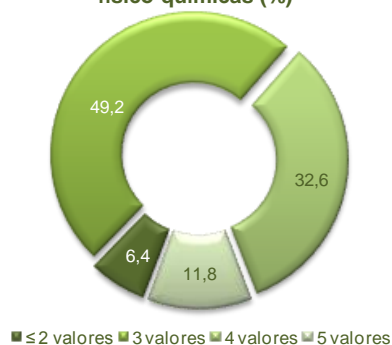
Estes dados são semelhantes ao da disciplina de português, distanciando-se no entanto, quando se analisa as classificações inferiores ou iguais a 2 valores. As dificuldades sentidas por muitos alunos à disciplina de matemática são perceptíveis nos 21,9% dos inquiridos que obtiveram classificação igual ou inferior a 2 valores, constatando-se que comparativamente à disciplina de português este valor quadruplica.

Quando se compara com os dados recolhidos em 2010/11 observa-se que existiu uma redução de 4,8% nas classificações mais elevadas (4 e 5 valores) e consequentemente,

um aumento de 4,9% nas classificações iguais ou inferiores a 2 valores.

Na disciplina de ciências físico-químicas a distribuição das classificações dos alunos é muito semelhante à da disciplina de língua estrangeira. A maioria dos alunos obteve uma classificação de nível 3 (49,2%), destacando-se as classificações de nível 4 e 5 (32,6% e 11,8%), o que revela o bom desempenho escolar nesta disciplina (Figura 14).

Figura 14 - Classificação final no 9.º ano de ciências físico-químicas (%)

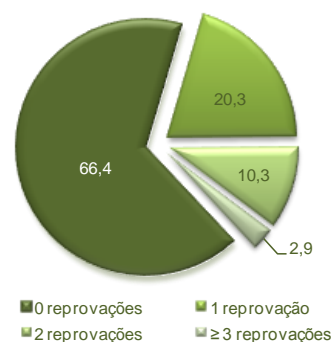


Fonte: DGGEC/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

Reprovações e interrupções no trajeto escolar

A análise das reprovações e das interrupções permite observar os atrasos no percurso escolar dos alunos. Cerca de dois terços dos alunos chegaram ao 10.º ano sem nenhuma reprovação (66,4%) (Figura 15), 20,3% dos alunos reprovaram uma vez, 10,3% duas vezes e 2,9% reprovaram 3 ou mais vezes.

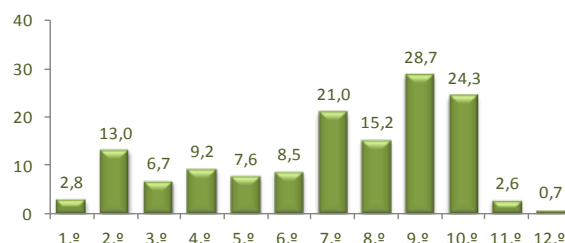
Figura 15 - Número de reprovações ao longo do trajeto escolar (%)



Fonte: DGGEC/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

Os anos escolares onde houve maior número de reprovações foram o 9.º ano (28,7% dos alunos que reprovaram pelo menos uma vez), seguindo-se o 10.º ano (24,3%) e o 7.º ano (21,0%) (Figura 16). Estes são anos chave no percurso escolar dos alunos uma vez que são anos de fim e de início de ciclos escolares.

Figura 16 - Anos de reprovação ao longo do trajeto escolar (%)



Notas:
(1) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla.
(2) N = 19670

Fonte: DGGEC/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

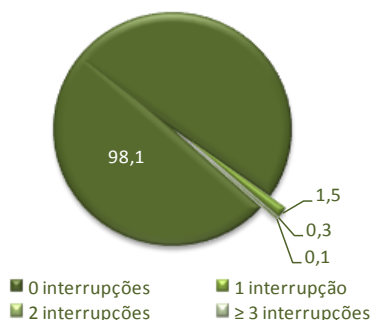
As reprovações no 11.º e 12.º ano apresentam valores residuais (2,6% e 0,7%), e poderão estar relacionadas com mudança de curso e/ou modalidade de ensino. Esta mudança origina o regresso ao 10.º ano e o recomeço do percurso escolar dos alunos no ensino secundário.

Estes dados revelam grandes diferenças quando comparados com os de 2010/11. As reprovações no 9.º ano aumentaram 9,0%

enquanto no 10.º ano diminuíram 3,3%. Também se verifica um ligeiro crescimento nas reprovações no 11.º e 12.º ano, o que pode indiciar uma maior indecisão dos alunos quanto às suas escolhas escolares, nomeadamente sobre o curso que devem seguir.

A análise das interrupções mostra que apenas 1,9% dos inquiridos interrompeu os estudos durante o seu percurso escolar, sendo que 1,5% interromperam apenas uma vez os seus estudos (Figura 17).

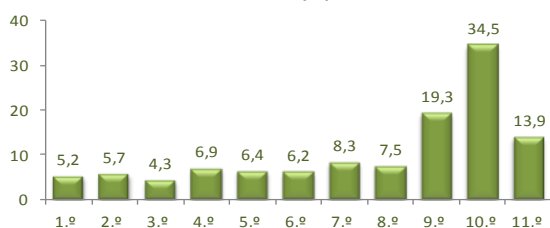
Figura 17 - Número de interrupções ao longo do trajeto escolar (%)



Fonte: DGGEC/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

Os anos de interrupção apresentam uma situação diferente face às reprovações, uma vez que cerca de um terço dos alunos que interromperam os estudos fizeram-no no 10.º ano (34,5%), seguindo-se o 9.º ano (19,3%) e o 11.º ano (13,9%) (Figura 18).

Figura 18 - Anos de interrupção ao longo do trajeto escolar (%)



Notas:

(1) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla.
 (2) N = 1127

Fonte: DGGEC/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

Face aos dados recolhidos em 2010/11, verifica-se um decréscimo de 6,9% de inquiridos que interrompem os estudos no 10.º ano e um crescimento de 3,8% no 11.º ano. E como se pode verificar cerca de metade das interrupções dão-se no decorrer do percurso pelo ensino secundário.

Desempenho escolar, escolhas escolares e origens sociais

De seguida pretende-se observar se o sexo, a escolha da modalidade de ensino e as habilitações escolares dos núcleos familiares dos alunos têm influência no seu desempenho escolar dos alunos.

A análise da média global das classificações permite constatar que existem diferenças por modalidade de ensino frequentada, verificando-se que são os alunos dos cursos profissionais que mais raramente conseguiram classificações de nível 5 (1,6%) e são os que mais apresentam classificações de nível 3 (77,1%) (Quadro 7).

A maioria dos alunos que frequentam um curso científico humanístico, um curso tecnológico ou o ensino artístico especializado apresentam uma média de classificações entre os 3 valores (42,3%, 49,1% e 54,4%) e os 4 valores (42,2%, 39,5% e 36,4%).

Quadro 7 - Desempenho escolar segundo a modalidade frequentada (%)

	CCH	CP	CT	EAE	
Média global do 9.º ano	≤ 2 valores	0,1	0,7	0,0	0,0
	3 valores	42,3	77,1	49,1	54,4
	4 valores	42,2	20,7	39,5	36,4
	5 valores	15,4	1,6	11,4	9,2
	Total	100	100	100	100
	Número de reprovações	0 reprovações	85,3	35,8	79,4
1 reprovação		11,9	34,0	14,6	13,6
2 reprovações		2,4	23,2	4,9	4,0
≥ 3 reprovações		0,4	7,0	1,1	2,9
Total		100	100	100	100

Fonte: DGGEC/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

Com exceção dos alunos dos cursos profissionais, os das restantes modalidades de ensino não apresentam atrasos no trajeto pelo secundário. A distribuição pelo número de reprovações é muito semelhante nos cursos científico-humanísticos, ensino artístico e especializado e cursos tecnológicos, destacando-se os 85,3% de inquiridos dos cursos científico-humanísticos que não apresentam reprovações ao longo do percurso escolar (Quadro 7). A maioria dos alunos dos cursos profissionais teve uma ou mais reprovações, verificando-se que 34,0% tiveram uma reprovação e 23,2% duas reprovações.

Por sexo, as diferenças nas médias de classificações são ténues, constatando-se no entanto que são as raparigas que apresentam um desempenho mais elevado com obtenção de classificações de nível 4 e 5 (47,0% face a 44,0%) (Quadro 8).

Quadro 8 – Desempenho escolar segundo o sexo (%)

		Masculino	Feminino
Média global do 9.º ano	≤ 2 valores	0,3	0,3
	3 valores	55,6	52,8
	4 valores	34,5	35,3
	5 valores	9,5	11,7
	Total	100	100
Número de reprovações	0 reprovações	61,9	70,6
	1 reprovação	22,2	18,6
	2 reprovações	12,1	8,6
	≥ 3 reprovações	3,7	2,2
	Total	100	100

Fonte: DGGE/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

No que diz respeito ao número de reprovações, existem diferenças expressivas, uma vez que as raparigas tendem a ter um maior aproveitamento escolar sem reprovações (70,6% face a 61,9%) (Quadro 8). Por fim procura-se analisar o desempenho escolar dos alunos segundo o nível de

escolaridade dominante na família, observando-se que existem grandes diferenças quer ao nível das médias das classificações, como no número de reprovações.

Os alunos oriundos de famílias com ensino superior ou secundário obtêm, mais que os restantes, uma média de classificações de nível 4 (41,3% e 37,8%) ou 5 valores (19,7% e 9,2%) (Quadro 9). Numa situação inversa encontram-se os alunos cujos núcleos familiares são detentores de habilitações iguais ou inferiores ao 3.º Ciclo do Ensino Básico onde a média global das classificações é de 3 valores (72,5% e 65,1%).

Nas classificações de excelência escolar as diferenças são assinaláveis, constando-se que quanto mais elevado o nível de escolaridade da família, mais os alunos revelam ter tido uma classificação de nível 5 (19,7% dos alunos de famílias com o ensino superior face a 3,6% para os provenientes de famílias com habilitações igual ou inferior ao 1.º CEB).

Quadro 9 – Desempenho escolar segundo o nível de escolaridade dominante na família (%)

		≤ 1º CEB	Entre o 2º e o 3º CEB	Ensino secundário	Ensino superior
Média global do 9.º ano	≤ 2 valores	0,9	0,3	0,2	0,3
	3 valores	72,5	65,1	52,8	38,7
	4 valores	22,9	29,3	37,8	41,3
	5 valores	3,6	5,3	9,2	19,7
	Total	100	100	100	100
Número de reprovações	0 reprovações	45,7	58,9	71,6	75,4
	1 reprovação	29	24,7	18,6	14,7
	2 reprovações	18,9	12,9	7,9	7,5
	≥ 3 reprovações	6,4	3,5	1,9	2,4
	Total	100	100	100	100

Fonte: DGGE/MEC, OTES: Estudantes à entrada do secundário em 2013/2014.

Observando-se o número de reprovações ao longo do percurso escolar, encontramos diferenças semelhantes às identificadas para a média de classificações obtidas no 9.º ano. O menor número de reprovações é obtido pelos

alunos cujos agregados familiares detêm o ensino superior ou secundário (24,6% e 28,4%) (Quadro 9). A maioria dos inquiridos cujos núcleos familiares têm uma escolaridade igual ou inferior ao 1.º ciclo do ensino básico apresentam, no mínimo, uma reprovação ao longo do seu trajeto escolar (54,3%).

Apesar destes dados, importa constatar que 45,7% dos alunos de famílias menos escolarizadas nunca reprovou e que 24,6% oriundos de famílias muito escolarizadas reprovaram no mínimo uma vez.

Os dados revelam que as escolhas escolares à entrada do ensino secundário não são homogéneas uma vez que tendem a ser influenciadas pelo desempenho escolar dos alunos, bem como pelas habilitações escolares do núcleo familiar de pertença. O desempenho escolar tende a ser mediano e as reprovações existentes dão-se sobretudo em anos de transição e de mudança de nível de ensino (7.º, 9.º e 10.º ano). O desempenho escolar dos alunos, ao nível da média das classificações do 9.º ano e das reprovações ao longo do percurso escolar, tende a estar relacionado com o nível de escolaridade dominante na família.

METODOLOGIA

Os dados apresentados neste artigo resultam da aplicação do inquérito “Estudantes à entrada do Secundário em 2013-2014”, realizado entre março e junho de 2014 no âmbito do acompanhamento dos percursos escolares dos alunos no ensino secundário.

A informação recolhida através deste inquérito resulta da colaboração entre a DGEEC e as escolas públicas e privadas de Portugal continental que participaram e que tinham como oferta educativa as seguintes modalidades de ensino: 10.º ano dos cursos científico-humanísticos, 10.º ano dos cursos tecnológicos, 1.º ano dos cursos profissionais, 10.º ano dos cursos do ensino artístico especializado, 1.º ano dos cursos de educação e formação – formação complementar e tipo 4. Na aplicação deste questionário foram convidadas a participar 806 escolas, das quais se obteve uma taxa de participação de 86,7% (699 escolas). Este inquérito teve a participação de 60.448 alunos num universo de 91.960, isto é, uma taxa de participação de 65,7% do total de alunos matriculados nas escolas participantes.

ESTABELECIMENTO DE ENSINO

- 73,1% frequentam escolas públicas e 26,9% escolas privadas;
- 62,0% dos alunos frequentam uma escola secundária, 20,7% uma escola profissional, 16,9% uma escola básica e secundária, 0,4% uma escola artística e 0,1% uma escola básica;
- 40,6% frequentam um estabelecimento da região Norte, 23,9% do Centro, 23,7% de Lisboa, 7,9% do Alentejo e 3,9% do Algarve.

CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS

- 94,1% tem nacionalidade portuguesa e 5,9% estrangeira;
- 78,4% são portugueses, 7,0% luso-europeus, 5,8% luso-africanos, 2,4% descendentes de ex-emigrantes e 6,4% são detentores de outra origem.
- 79,8% falam português em casa, 18,5% falam simultaneamente português e outras línguas em casa e, 1,7% falam outras línguas em casa.

Para mais informações contactar a Equipa de Estudos de Educação e Ciência (EEEC/DGEEC) através do seguinte endereço eletrónico: dgeec.eeec@dgeec.mec.pt